

Interiores das casas religiosas masculinas em Portugal na Época Moderna (sécs. XVI-XVIII): contributo para a memória dum quotidiano
Cristina Osswald (pós - doutoranda na Universidade do Minho/ UNED (Madrid) e UNICAMP (Brasil))

Contextualização

O presente estudo a apresentar na XXIX reunião da Associação Portuguesa de História Económica e Social insere-se no projecto de pós-doutoramento intitulado *Interiores da Vida em religião: As casas religiosas das Ordens Mendicantes e dos Jesuítas na Época Moderna (Portugal, Brasil e Índia)*.

Neste sentido, este estudo pretende interpretar ou recriar as características fundamentais dos interiores das casas religiosas das ordens mendicantes masculinas e jesuítas demonstrativas do quotidiano no Portugal da Época Moderna, tendo como ponto de partida a identificação dos principais objectos de mobiliário, dos objectos mais comuns de natureza utilitária, assim como de decoração das casas religiosas masculinas e ainda de coleccionismo dos seus membros.

Por outras palavras, é nosso objectivo primordial verificar, se os interiores das casas e das instituições jesuítas e mendicantes respeitavam ou não o voto de pobreza inerente a “uma vida em religião”. Outra questão importante que nos colocamos é saber se os interiores das casas religiosas dos jesuítas e das ordens mendicantes seguiam, ou se, pelo contrário, diferiam das tendências coevas em Portugal. Reflectiam os espaços interiores das várias observâncias diferenças notórias entre si? Dada a natureza missionária das ordens religiosas em análise, consideramos essencial observar de que forma a moda do Orientalismo surgida com a Expansão foi determinada pelas ordens religiosas masculinas, afectando, com isso, os seus interiores entre os sécs. XVI e XVIII.

Os principais elementos (mobiliário, iluminação, decoração, objectos ligados à higiene, objectos de luxo)

Da análise dos inventários manuscritos e publicados dos bens móveis das casas jesuítas e das ordens religiosas masculinas mendicantes realizados respectivamente à data da supressão da Companhia de Jesus (1759) e das ordens religiosas masculinas (1833), deparamos-nos com uma relativa pobreza de mobiliário. Verifica-se uma clara predominância de móveis muito simples ou

singelos (bancas com ou sem gavetas, bancos individuais, escabelos),¹ porventura de tradição medieval (arcas, baús),² para uma certa limitação de tipologias, e para uma indiscriminação ou multi-funcionalidade. Eram, por exemplo, comuns assentos com espaço no seu interior para guardar objectos e arcas servindo de assentos.³

Motivado pela falta de espaço, algum deste mobiliário era embutido nas paredes. Mais precisamente, eram comuns móveis embutidos em espaços comuns (por exemplo, cantoneiras nos refeitórios ou guarda-roupas em corredores), assim como nos espaços privados, ou seja, nos *cubiculae* dos membros das comunidades religiosas (estantes para os livros e armários para a roupa).⁴

Entre as madeiras mais usadas na execução do mobiliário, destacam-se as madeiras portuguesas (pinho, nogueira e castanho). Algumas peças eram, no entanto, executadas em madeiras exóticas e, por isso, de maior valor, como o angelim e outras madeiras indianas às vezes ainda enriquecidas com aplicações de marfim, tambaca e madre-pérola.⁵ Naturalmente, as madeiras brasileiras, como o jacarandá, o pequeá, o pau preto e o pau santo também aparecem referenciadas nos inventários dos espólios por nós consultados.⁶

No entanto, e compreensivelmente, os interiores em estudo, sem dúvida, reflectiram as tendências gerais que caracterizaram os interiores domésticos durante a Idade Moderna. Ou seja, os interiores das casas jesuítas e das

1 As bancas eram mesas simples, normalmente rectangulares, para se escrever e que podiam ter uma ou mais gavetas. Por escabelos, entende-se assentos pequenos de madeira sem braços, nem espaldares, usados para os pés. (Bluteau, Rafael, *Vocabulário Portuguez e latino*, Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712, vol. II, p. 200)

2 Por exemplo, as arcas de couro que eram muito populares nos interiores sacros em estudo provem do séc. XIV. (Silva Lopes, Carlos, *Estudos de História do Mobiliário*, Porto, Gabinete de Estudos da Universidade Católica Portuguesa, 2004, p. 17)

3 O inventário do Colégio de Jesus de Coimbra em 1755 menciona “quatro bancos de encosto cujos assentos servem de caixas e os encostos de gavetas e armários.” (*Documentos para a História de Arte em Portugal, Arquivo do Tribunal de Contas, Colégios de Coimbra, Porto, Bragança, Braga e Gouveia (Companhia de Jesus)*, or. Raúl Lino *et al*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. III, p. 7.

4 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 59, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)/ Arquivo Histórico do Ministério da Fazenda (AHMF), CX 2196 *Convento de Santo António da Ordem de S. Francisco, Aveiro* (1833), f. 12v.

5 O angelim é uma madeira de tonalidade avermelhada extraída da jaqueira brava indiano, que era muito comum no Malabar e também em obra de marcenaria e construção civil em Portugal durante o séc. XVII. A tambaca é uma chapa finda de latão ou cobre dourada a azougue e que era muito utilizada nos espelhos e nos crucifixos de origem indo-portuguesa. (Ferrão, Bernardo, *Mobiliário Português: Dos primórdios ao Maneirismo*, Porto, Lello & Irmão, vol. IV, p. 242 e 273)

6 O pequeá é uma madeira brasileira dura de cerne marfinado, também designada de pau-liso e pau - marfim. (*Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, coord. José Pedro Machado, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, vol. IV, p. 649)

ordens religiosas masculinas portuguesas acompanharam o enriquecimento generalizado dos interiores motivado pela proliferação de novas peças de mobiliário (armários para a roupa e para a louça, aparadores, cantoneiras, cómodas, contadores, guarda-roupas, credências, mesas de jogo, ou arcas de moscóvia)⁷ e do gosto pela posse de objectos de luxo (objectos de adorno, porcelanas, relógios, espelhos, quadros, tapeçarias, e alcatifas porventura de temática mitológica e ainda cortinados.⁸

Em especial, foi-nos possível inventariar nos espólios das casas religiosas masculinas portuguesas da Época Moderna uma notável quantidade e variedade de relógios para uso privado (relógios de algibeira, despertadores, relógios de areia, relógios de arca no interior dos *cubiculae*). Por sua vez, relógios de caixa alta ingleses, relógios de parede de campainha e mostrador, e relógios de caixa de charão, que é uma espécie de verniz ou laca de origem chinesa, eram um elemento constante na decoração de espaços comunitários, tais como refeitórios, corredores, livrarias, portarias e curiosamente ainda sacristias.⁹

O uso indiscriminado de um panóplia de termos diferentes para o mesmo objecto de iluminação torna a análise deste aspecto particularmente difícil. Entre os fontes de iluminação mais comuns, encontravam-se candeeiros de metal amarelo ou branco ou de folha da Flandres de vários lumes, candeeiros de arame, isto é, latão amarelo, candeias, candeeiros ingleses, candeeiros de mesa, lanternas de metal (latão) e vidro, lanternas de luminárias, lampiões de vidro, lâmpadas, lampadários com balaústres, castiçais de mão de metal, por exemplo, prata, ou estanho. Os candeeiros podiam ser de pé, porventura de madeira ou de pendurar nas paredes.¹⁰

⁷ Por couro de moscúvia ou moscóvia, entende-se um couro preparado na Rússia e que, pelo menos, na Península Ibérica, era objecto de grande apreço nos meios principescos e outros meios abastados a partir do séc. XVI.

⁸ Sarti, Rafaella, *Casa e Família. Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*, Lisboa, Estampa, 2001, pp. 36 e 215.

⁹ ANTT/ AHMF, CX 2196 *Convento de S.to António da Ordem de S. Francisco, Aveiro* (1833), f. 14v e 39, ANTT/ AHMF, Cx. 2207 *Convento de S. Francisco da Ponte Coimbra* (1833), f. 2.

¹⁰ ANTT/ AHMF, CX 2194 *Convento de S. Francisco da Ordem de S. Francisco, Barcelos* (1833), f. 10v, ANTT/ AHMF, CX 2196 *Convento de Sta. Cita, Asseiceira* (1833), f. 86v, ANTT/ AHMF, *Convento de S.ta Catarina da Carnota da Ordem de S. Francisco da Província de S.to António de Portugal* (1833), f. 10v, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 110, *Documentos para a História de Arte em Portugal, Colégios de Santo Antão, São Roque, São Francisco Xavier e Noviciado de Arroios [do] Arquivo do Tribunal de Contas*, coord. Raúl Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. V, p. 49, Silva Neves, Eduardo, Augusto, *O Convento dos Barbadinhos Italianos*, Lisboa, Amigos de Lisboa, 1952, p. 15.

Entre os objectos relacionadas com a higiene pessoal eram obrigatórias as bacias (às vezes denominadas tinas) acompanhadas ou não por gomis e jarros em arame (latão). Encontramos ainda bacias em estanho, latão, pau de pedra ou louça, como a faiança lisboeta ou porventura louça da Índia (porcelana chinesa) ou ainda metal branco da Índia.¹¹ Nos inventários distingue-se entre bacias para o banho, para as mãos, para os pés, para a água das barbas, escarradeiras, escarredores ou cuspideiras eventualmente em louça e mais raramente em prata, e urinóis em louça.¹²

De igual modo, os inventários consultados mencionam penteadores de chita, toalhas grandes e pequenas, toalhas de lavatório, toalhas de mãos, de barba, “pannos de alimpar” os cabelos. As toalhas, que podiam ser em linho ou algodão, eram, às vezes, ainda enriquecidas com rendas e franja.¹³

Os novos gostos de consumo característicos duma sociedade que se diversificava cada vez mais aparecem representados na profusão de “aparelhos de chá ou de café”, chocolateiras, frascos para café, chá e tabaco. Embora a maior parte destes objectos fosse executada em lata, existem inúmeras referências a peças realizadas em materiais ricos, como o cobre, a prata ou a porcelana, nas colecções das comunidades religiosas masculinas.¹⁴

Destacam-se os painéis de azulejaria na decoração dos espaços sacros (igrejas), dos claustros, das enfermarias, dos refeitórios, das escadarias, dos corredores, das casas de despacho e ainda das portarias. Naturalmente, a

11 Em meados do séc. XVIII, o Padre Superior Francisco de Cordes do Noviciado da Cotovia, Lisboa, pertencente à Companhia de Jesus, tinha no seu cubículo, “uma bacia por forma de concha, com seu jarro de metal branco da Índia”. (*Documentos para a História de Arte em Portugal, Noviciados da Cotovia e Hospícios de São Francisco de Borja do Arquivo do Tribunal de Contas*, orient. Raúl Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. IV, p. 47)

12 Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), *Inventario deste Convento de S. Francisco do Porto para hir a Congregação, que se hã de celebrar no Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa no dia 6 domes de Março do anno de 1779*, ff. 103v-104, ANTT/ AHMF, *Inventario deste Convento de S. Francisco do Porto para hir a Capitulo que se hã de celerar no Real Convento de S. Fran.co da Cidade de Lx.ª a 29 de Agosto de 1772*, f. 10, ANTT/ AHMF, Cx 2194 *Convento de S. Francisco da Ordem de S. Francisco, Barcelos* (1833), f. 35, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, pp. 108-111, e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 49.

13 ANTT/ AHMF, CX 2194, *Convento de S.ta Catarina da Carnota*, f. 10v, ANTT/ AHMF, CX 2209, *Convento de Santo António da Estrela, Coimbra* (1833), f. 8v, ANTT/ AHMF, Cx. 2209 *Convento de Santo António dos Olivais, Coimbra* (1833), f. 7.

14 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 111, *Documentos para a História de Arte em Portugal, Noviciado da Cotovia e Hospício de São Francisco de Borja [do] Arquivo do Tribunal de Contas*, orient. Raúl Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. IV, pp. 31 e 61, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, pp. 68 e 70 e *Documentos para a História de Arte em Portugal, Colégios de Lisboa, Setúbal, Santarém, Évora e Elvas (Companhia de Jesus) do Arquivo do Tribunal de Contas*, orient. Raúl Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, vol. XII, p. 42.

temática representada era de cariz essencialmente religioso. Todavia, alguns ciclos de azulejaria tinham um carácter profano para melhor cumprir a sua função pedagógica. Como escreveu Túlio Espanca, no Convento do Espírito Santo de Évora:

“a azulejaria serve de aula de História Natural, mantendo o curioso revestimento de painéis de azulejos figurados por cenas de caça grossa, em terras e no mar e por paisagens e temas da vida quotidiana de 700.”¹⁵

Para além os painéis de azulejaria, são de referir na decoração de conventos, colégios e outras casas das ordens religiosas ciclos de mármore policromados,¹⁶ ciclos de pintura a óleo ou a fresco, assim como painéis avulsos de temática religiosa ou profana e ainda cartografia.

Os painéis avulsos, ou seja, quadros representando essencialmente figuras sacras e membros e benfeitores das respectivas ordens religiosas eram muito usados na decoração das livrarias, salas de visitas, dos refeitórios, dos corredores e curiosamente mesmo em lavatórios ou casas de banho, como acontecia no Colégio de Santo Antão em Lisboa pertença da Companhia de Jesus.¹⁷ Aparentemente, os mapas eram um elemento decorativo considerado não muito valioso. À semelhança de pintura, mapas de Portugal, mas também das regiões geográficas onde existiam missões católicas, serviam para decorar inúmeros corredores e mesmo lavabos, como acontecia na mesma instituição jesuíta.¹⁸

Naturalmente, observa-se uma certa especialização das tipologias preferidas de decoração no interior das ordens religiosas e/ ou segundo as regiões. A decoração realizada em barro cozido e policromada era característica dos conventos franciscanos da Província da Piedade do Alentejo.

15 Espanca, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal, Conselho de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1966, vol. VII, p. 77.

16 É o caso da casa do despacho e da portaria do Convento da Graça. (Sampayo Ribeiro, “A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça”, *Olissipo 5-7* (1939), p. 28)

17 Painéis isolados decoravam muitos corredores sobre as portas das celas ou dos *cubiculae* e ainda rodeando relógios. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 57)

18 “item na retrete da casa dos lavatórios ou defronte desta se acham cinco mapas de cinco palmos de largo e um de três palmos. Item na retrete do corredor do Padre Cravone se acham cinquenta e sete mapas com suas molduras, uns maiores outros mais pequenos, e assim mais três países e vinte e dois quadros. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 9).

O Orientalismo na devoção e no coleccionismo

A devoção e o coleccionismo privados e colectivos dos membros das casas religiosas jesuítas e das ordens mendicantes do Portugal Moderno reflectem o gosto oriental que se desenvolveu na Europa contemporânea. Aliás, membros destas comunidades foram intervenientes directos na produção, ou seja através da sua encomenda destes objectos artísticos, como demonstram a documentação e a grande quantidade de objectos sacros e profanos (em especial, mobiliário e porcelana) decorados com emblemas das ordens religiosas.¹⁹

Compreensivelmente, conhecemos a existência relíquias e relicários de proveniência oriental em mãos de membros das ordens religiosas masculinas no Portugal Moderno, desde o início do séc. XVI.²⁰ Tratando-se de ordens missionárias no Oriente, uma parte destas relíquias e respectivos relicários teve origem na mesma área geográfica. Por exemplo, um caixão vindo da Índia, que se guardava no Hospício de São Francisco de Borja em Lisboa, continha as seguintes relíquias:

“uma relíquia do Santo Xavier; uma relíquia do Santo Xavier para o Padre Estevão Lopes, uma relíquia do Santo Xavier também em relicário de filigrana para o Padre João Alvares; uns pedaços de seda com o título que dizia: tocado no corpo do Santo Xavier (...); para o Irmão Luiz de Faria continha um barrete do Santo Xavier e outra relíquia (não identificada do mesmo Santo).”²¹

Na mesma instituição jesuíta, mais precisamente no interior dum cubículo, que antes tinha pertencido ao Padre Francisco de Cordes, foi inventariado em 1759 um pau que tinha a seguinte legenda: “Com este instrumento que chamam Fouce foi martirizado o Venerável Padre João de Brito da Companhia”.²²

Este gosto pelas relíquias característico da religiosidade pós-tridentina encontrou a sua máxima expressão na factura de inúmeros cofres e cruces-relicários executados em materiais especialmente valiosos (tartaruga, ouro,

19 Osswald, Cristina, “Padres coleccionadores e orientalistas no Portugal Moderno (sécs. XVI-XVIII)”, *Estudios Portugueses* 7 (2007), p. 252.

20 A posse de relicários de proveniência oriental por parte de instituições religiosas começou no primeiros anos do séc. XVI. (Dias, Pedro, *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510: aspectos artísticos*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1979, p. LIX)

21 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, pp. 62 e 72.

22 *Idem, ibidem*, p. 89.

prata, marfim, madre-pérola) por artistas orientais.²³ Em especial, a tartaruga foi um dos materiais de proveniência oriental, que mais uso teve na execução de objectos de devoção e de luxo conservados nas casas religiosas masculinas. Encontram-se nos inventários referências a cruzes cobertas ou com incrustações de tartaruga, estantes com aplicações de tartaruga, rosários e coroas de tartaruga, relógios de algibeira, molduras de registos ou lâminas e caixas de madeira (pau) forradas com tartaruga, cofres de tartaruga com fechos de prata, caixas em tartaruga simples ou forradas no seu interior. Tinham estas caixas uma função múltipla, pois serviam para guardar relíquias e produtos menos sacros, como óculos, ou tabaco.²⁴

Entre os objectos para devoção mais comuns nas casas religiosas masculinas do Portugal de Quinhentos a Setecentos, destacavam-se as esculturas em marfim. No Colégio de Jesus de Coimbra guardava-se um crucifixo com Cristo em marfim, que se considerava ter sido de S. Francisco Xavier.²⁵ De facto, abundam referências a imagens de Cristo em marfim apostas sobre cruzes com incrustações de bronze, madre-pérola, tartaruga ou pedras falsas, apostas sobre cruzes em pau-preto com remates dourados (latão?) e ainda com título e esplendores de prata.²⁶ De igual modo, conhecemos ainda esculturas de Nossa Senhora, de santos e do Bom Pastor esculpidas em marfim. Gostaríamos, por fim, de mencionar os relicários executados em madeira de ébano e marfim.²⁷

Desde o início do séc. XVI verificou-se a importação maciça da Índia para Portugal de tecidos, tapetes e de ricas e grandes alcatifas de seda,

²³ Osswald, *Padres Coleccionadores*, p. 257.

²⁴ ANTT/ AHMF, CX 2209, *Convento de Santo António da Estrela, Coimbra* (1833), f. 116, ANTT/ AHMF, Cx. 2214 *Convento de S. Francisco de Évora* (1833), f. 74 e Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), *Inventário do Conv.to de S. Bernardino da Atouguia da Baleya em 15 de Julho de 1752*, f. 2, *Documentos para a História da Arte em Portugal*, vol. III, pp. 12, 30 e 44, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. IV, p. 61, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, pp. 6, 8-9 e 69 e *Documentos para a História de Arte em Portugal, Colégios de Lisboa, Setúbal, Santarém, Évora e Elvas (Companhia de Jesus)*, orient. Raúl Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. XII, p. 109.

²⁵ *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 4.

²⁶ ANTT/ AHMF, CX 2236 *Inventario geral de todos os objectos, bens moveis, e de raiz pertencentes ao Hospício de Nossa Senhora da Porciuncula dos Menores Reformados de São Francisco Franceses* (1833), ff. 2v e 4, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. IV, p. 18.

²⁷ *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 59 e *Documentos para a História de Arte em Portugal, Colégio de Portalegre, Portimão, Faro, Ponta Delgada, e Funchal (Companhia de Jesus) do Arquivo do Tribunal de Contas*, orient. Raúl Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, vol. XIII, p. 54.

incluindo pelas próprias casas religiosas ou seus membros.²⁸ Por tal razão, nas fontes eclesiásticas relativas aos espólios de mosteiros e outras casas religiosas em Portugal, aparecem mencionadas sobretudo colchas do Alentejo ou da Índia.²⁹

A moda da China exprimiu-se exemplarmente na proliferação de escritórios, molduras de espelhos, caixas de relógios de parede, e ainda louça (travessas, bandejas e caixas) em charão.³⁰

Produtos de origem vegetal e animal inexistentes na Europa, tais como cascas dos cocos das Maldivas, pedras de bezoar ou bazar (pedras que se encontravam no estômago de um grupo de cabras vivendo em Lara, Pérsia, e dos porcos espinhos selvagens do Sudeste insular da Ásia), pedras cordiais, objectos em madeiras de aloés, certos órgãos de animais (unhas, dentes e cornos, cabeças de cavalo marinho, pedras de porco espinho), contas de conchilha eram objecto de particular apreço por parte dos religiosos durante a Idade Moderna à semelhança dos seus congéneres laicos.³¹

O grande interesse demonstrado por membros de ordens religiosas na encomenda e na posse destes objectos de factura oriental ligou-se com frequência ao seu valor material e foi, por isso, considerado escandaloso pelas mais altas autoridades eclesiásticas. Preocupado com esta situação abusiva, o Geral da Companhia de Jesus Claudio Acquavia procurou limitar a importação dos materiais naturais para o uso médico, como se lê em uma carta de 1585 a Alessandro Valignano, à data, Provincial da Índia:

“Dessa Província se enbían a ésta y a la de Portugal algunas cosas, como sono olores, coronas d'aguila [pau cheiroso duma espécie de loureiro da Conchichina, apreciado e usado como incenso], y otras cosas

28 No texto da Visitação realizada em 1510 aos conventos da Ordem Militar de Santiago diz-se que em Casével (Santarém) se guardava uma toalha de pano da Índia com lavores de seda preta e um pano de tafetá carmesim da Índia que servia de palio. Os bens da Ordem em Aljustrel incluíam uma vestimenta de pano de Calecute, uma peça de vestuário de seda branca da Índia com um debrum de veludo preto por baixo, um pano da Índia pintado de pincel para cobrir a imagem de Nossa Senhora na Quaresma e ainda um frontal de pano da Índia pintado de pincel”. (*Documentos para a História de Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal (Ordem de Santiago)*, orient. Raul Lino et al, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. VII, pp. 44, 45, 56 e 72.

29 Osswald, *Padres Coleccionadores*, p. 258.

30 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 12, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p 68 e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. XIII, p. 16.

31 Borschberg, Peter. “O comércio, uso e falsificação dos bezoares de porco-espinho na Época Moderna (c. 1500-1750).” *Oriente* 14 (2006), pp. 60-61, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. IV, p. 45, 55, 56, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. XII, p. 109.

preciosas y poço útiles; y aunque sean con bien pretexto, todavia como sirvan poço al uso religioso y puede desedificar el pedir las, porque entiendo se nos nota ya que antes de agora nos ragavan con ellas, y los nuestros la[s] rehezavan muy de veras. Y ahora las buscando muy curiosamente: desseo que V. R. dee ordem como esso cesse *penitus* en los particulares, y los superiores no dien licencia de pedir ni embiar las tales cosas. Y con esto no entiendo restriñir que hum superior no pueda embiar a otro para servicio en su collegio algunas cosas que no son curiosas, y son útiles y medicinales, como piedras de bazar y cosas semejantes, que redundan en bien común y no se aplican al uso próprio”.³²

Principais espaços comuns: os refeitórios

Sem dúvida, o estudo dos interiores dos refeitórios é um aspecto essencial no nosso trabalho. O refeitório, enquanto principal espaço da vida comunitária em religião, reflecte necessariamente as principais tendências gerais seguidas pelas diferentes famílias ou observâncias religiosas.³³

Do estudo por nós já realizado, podemos depreender uma concepção e uma organização bastante variadas destes espaços. *Latu sensu*, estes ambientes eram profundamente marcados pela natureza das ordens religiosas. São assim singelos refeitórios característicos dos conventos das ordens franciscanas de clausura. Exemplarmente, o refeitório inicial do Convento da Serra da Arrábida era uma gruta ou cova em terra batida formada por dois penedos e na qual só cabia uma pessoa. Tanto neste convento, como no Convento dos Capuchos de Sintra, os frades comiam em mesas e em bancos talhados na rocha.³⁴ Reflectindo igualmente o espírito de pobreza da respectiva comunidade, os frades do Convento de Santo António da Província da Soledade comiam em mesas formadas por tábuas amovíveis.³⁵

32 “Carta de Claudio Aquaviva a Alessandro Valignano, Roma, 24 de Dezembro de 1585”. : *Documenta Indica*, ed. Joseph Wicki, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1979, vol. XIV, p. 160.

33 Na análise das tendências gerais é fundamental ter em linha de conta não só as diferenças próprias das famílias religiosas, como também os condicionalismos sócio-económicos locais e ainda a personalidade dos autoridades das casas religiosas.

34 O Convento da Arrábida foi fundado em 1539 por frades franciscanos espanhóis da Província de São Gabriel, caracterizando-se a vida dos membros desta observância pela sua austeridade extrema. (Pereira Gonçalves, Manuel, “História de Alguns Conventos da Província da Arrábida”, *Actas da Conferência O Franciscanismo em Portugal*, Lisboa, Fundação Oriente, 1996, I vol, p. 303 e http://www.azeitao.net/arrabida/convento_1/historia.htm)

35 ANTT/ AHMF, CX 2191 *Conv.to de S.to Ant.º de S. Francisco da da Província da Soledade*

Nos conventos da Época Moderna, os comensais tomavam as suas refeições em mesas de madeira ou de pedra existentes nos refeitórios. As mesas de madeira podiam ser amovíveis ou fixas (a segunda tipologia incluía mesas de abas) e porventura assentar sobre pés de pedra. Algumas destas mesas eram pintadas, como acontecia no refeitório do colégio de Jesus de Coimbra. De Norte a Sul de Portugal, as mesas eram cobertas com toalhas executadas preferencialmente em linho de Guimarães, mas também em algodão, sendo os guardanapos também de linho ou de algodão.³⁶

Os assentos à disposição dos membros das comunidades religiosas e convidados eram cadeiras ou bancos individuais ou colectivos (bancos compridos) em madeira. As cadeiras mais em voga eram cadeiras de madeira, ou cadeiras de madeira e palhinha com ou sem braços. Foi ainda encontrada a referência a cadeiras de espaldares, cadeiras de palmatória e poltronas no interior dos refeitórios. A leitura obrigatória durante as refeições fazia-se por religiosos a partir de púlpitos ou sentados em cadeiras destinadas especificamente para o mesmo fim.³⁷

Reflectindo a tendência geral observada em Portugal a partir de finais de Seiscentos, nos refeitórios das casas religiosas, difundiram-se os armários copeiros e também as cantoneiras para guardar e exhibir a loiça. A documentação refere ainda “estantes para louça”. Os “bufetes” ou “bofetes”, que são uma espécie de mesas de apoio nas quais se coloca a louça, eram um outro móvel, que aparece referenciado com frequência na descrição dos mesmos interiores.³⁸

Habitualmente, servia-se e comia-se os alimentos em louça de barro e madeira (nos documentos a designação era pau), pois tratava-se dos materiais mais económicos. Encontramos ainda inúmeras referências a louça realizada em cobre e estanho. Embora mais raramente, a louça em uso nos refeitórios podia ser executada em outros materiais. São mencionados a louça branca da

(1833), f. 113.

36 ANTT/ AHMF, CX. 2203 *Convento de S.to Antonio Caminha* (1833), f. 10v, ANTT/ AHMF, Cx. 2213 *Convento de S. Francisco da Covilhã* (1833), f. 12 e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 30.

37 ANTT/ AHMF, CX 2209, ANTT/ AHMF, *Convento de Santo António da Estrela, Coimbra* (1833), ff. 3-4 e ANTT/ AHMF, Cx. 2249 *Convento de S. Francisco, Santarém*, f. 23.

38 ANTT/ AHMF, Cx 2214 *Convento S. Antonio da Ordem de S Francisco da Província da Piedade de Evora*, ff. 7v e 9, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 9, Castro Freire, Fernanda, Pedroso, Graça e Pereira Henriques, Raquel, *Mobiliário*, Lisboa, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 2003, pp. 61, 63 e 93.

Porto, a porcelana da Holanda e ainda a louça da Índia e da China.³⁹ A água e o vinho eram transportados em jarros de vidro ou barro. Nos refeitórios dos padres da Companhia de Jesus, o vinho era ainda servido em “jacareos” de estanho, que eram recipientes com a medida de c. um quartilho e meio.⁴⁰ Fora das refeições, a água era guardada em talhas com água ou em vasilhas. As galhetas para o azeite e o vinagre eram, por norma, também de vidro.⁴¹

Para melhor ajudar à devoção dos comensais, as paredes eram frequentemente decoradas com quadros de temática religiosa, destacando-se naturalmente a Última Ceia. Como acontecia no refeitório de S. Antão, alguns destes painéis formavam importantes ciclos hagiográficos.⁴²

Principais espaços privados: os espaços para dormir

A semelhança dos espaços comunitários, os espaços privados de várias instituições religiosas reflectiram os difíceis começos de muitas destas casas e a própria natureza da respectiva observância. O edifício primitivo do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Borba pertencente à Província Franciscana da Piedade e fundado em 1505 tinha paredes de taipa, dormindo os frades no chão em celas pouco maiores que sepulturas.⁴³ De igual modo, à altura da sua fundação em 1542, os habitantes do Colégio de Jesus em Coimbra dormiam em dormitórios estreitos de poucas câmaras divididas por paredes de taipa e tijolo.⁴⁴ No Convento da Arrábida as celas foram construídas junto à encosta da serra ou escavadas na própria rocha e eram tão baixas que os frades não conseguiam estar de pé no seu interior.

A maior parte os membros das casas religiosas em estudo dormiam em

39 Nos documentos, esta última tipologia de loiça aparece ainda classificada nas subcategorias de louça parda (o mesmo que loiça em barro), loiça em metal branco, cobre dourado, loiça da Índia branca e esmaltada. Era ainda abundante “a louça da Índia azul e branca”, ou seja, a porcelana chinesa. (Osswald, *Padres Coleccionadores*, p. 258)

⁴⁰ *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 6 e Bluteau, *Vocabulário*, vol. III, p. 520.

⁴¹ Osswald, Cristina, “Hábitos alimentares dos Jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil (sécs. XVI-XVIII)”, *Portas Adentro: comer, vestir e habitar na Península Ibérica (séculos XVI-XVIII)*, ed. Isabel dos Guimarães Sá, Máximo Garcia Fernández e Nuno Monteiro, Coimbra-Valladolid, Imprensa de Coimbra-Imprensa de la Universidad de Valladolid, 2010.

⁴² Um conjunto de doze quadros prefigurava alguns dos mais marcantes episódios da vida de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus no refeitório do Colégio de Santo Antão, Lisboa. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 8).

⁴³ Monforte, Manoel de, *Chronica da Provincia da Piedade*, primeira capucha de toda a Ordem do nosso seraphico padre S. Francisco, Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, 2ª ed., 1751, pp. 176-177.

⁴⁴ Teles, Baltasar, *Chronica da Companhia de Jesus em Portugal, Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1645, vo. I, pp. 100-101.

cubiculae. A decoração destes espaços demonstra que os mesmos detinham uma múltipla função de espaços para dormir, trabalhar, de devoção e ainda de lazer. Enquanto espaços ocupados por homens de religião, os espólios de todos os *cubiculae* inventariados continham objectos destinados à devoção dos seus ocupantes: imagens ou esculturas sacras, oratórios sobre as cómodas,⁴⁵ registos ou estampas, relicários, crucifixos de metal. Muito comuns eram as esculturas do *Santo Christo* (entre elas, o *Ecce Homo*), de Nossa Senhora em latão, as lâminas de vidro e em bronze.⁴⁶ Pela sua dimensão, entre os objectos de devoção que mais determinavam o espaço, destacavam-se os oratórios com a imagem de Cristo Crucificado sobre cómodas.⁴⁷

A decoração destes espaços, nomeadamente no que se refere os objectos de devoção, reflectia muitas vezes a posição hierárquica dos seus ocupantes. O Padre Patrício Martins, antigo superior da Quinta da Labruja, Santarém, tinha no seu cubiculum

“Dois santos christos de marfim hum maior que outro. Huma lamina de Nossa Senhora em cobre com muldura dourada.”⁴⁸

Os habitantes do Convento de S. Clemente das Penhas, onde se seguia um regime de vida particularmente austero, dormiam em esteiras no chão.⁴⁹ Embora tivéssemos encontrado a referência a *catres* (*catles* na definição da época),⁵⁰ de palhinha ou lona por norma, os padres, frades, noviços e outros membros das casas religiosas dormiam em *catres* formados por tábuas de ferro ou madeira sob enxergas de estopa ou colchões e com lençóis de algodão ou linho liso ou com folhos (este material mais nobre era sobretudo usado para os doentes e nas hospedarias dos conventos),⁵¹ e mantas brancas ou coloridas,

45 O Reitor do Colégio de S. Francisco Xavier, Lisboa, tinha em 1750 no seu cubículo “um Oratório com uma Imagem de Cristo crucificado que assenta em uma comodinha”. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 59)

46 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, pp. 53, 57, 111-113 e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. XII, pp. 44-50.

47 Por exemplo, no cubiculum do Irmão José Francisco sobre um bofete encontrava-se um “oratório de pau de fora e dentro uma Imagem de Cristo crucificado de marfim em cruz de pau preto e Calvário do mesmo, com letreiro, cravos, coroa e remates da cruz de prata lavrada”. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. XII, p. 49).

48 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. XII, p. 69.

49 Freitas de Carvalho, José Adriano, “Benfeitores dos franciscanos observantes portugueses em tempos de D. Fr. João da Póvoa”, *Via Spiritus* 6 (1999), p. 195.

50 Os *catres* ou *cateles* seriam, segundo alguns autores, estreitos leitos volantes, com ou sem dossel, e com pernas articuladas em X. (Ferrão, Bernardo, *O mobiliário português: dos primórdios ao maneirismo, Índia e Japão*, Porto, Lello & Irmão, vol. III, p. 33)

51 ANTT/ AHMF, Cx. 2194 *Convento de S. Francisco da Ordem de S. Francisco – Barcelos* (1833), f. 34 e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. IV, p. 77.

cobertores de lã ou papa e ainda colchas coloridas de chita.⁵² Eram usados travesseiros, almofadas e/ ou almofadinhas com fronhas de algodão ou linho. Foram ainda encontradas referências a uma rede baixa para dormir no Colégio de Jesus de Coimbra, a beliches na Hospedaria de S. Francisco do Porto e a camas toscas com cabeceiras no Convento de S. Francisco de Barcelos.⁵³ O voto de pobreza proferido por todos os religiosos não invalidou que alguns dormissem em luxuosas camas ou leitos torneados, com balaústres e armações em tecidos como o chamalote com fio de prata ou serafina, ou ainda o linho bordado.⁵⁴

A roupa e outros objectos pessoais dos padres, frades e outros membros das comunidades religiosas era guardada em arcas ou baús de couro (encourados), de pelo, moscóvia ou moscovia, caixas de madeira pintada⁵⁵ ou papelão e mais raramente armários ou ainda condessas (cestas pequenas e delicadas de vime ou verga com tampa e sem asa), malas de bocachim ou caixas da Índia. Porventura, existiam ainda cabides para pendurar roupa ou outros atavios de sair, por exemplo, chapéus ou guardas-sol. Objectos valiosos, incluindo papeis, eram guardados em cofres pequenos. Cofres de maior dimensão serviam para transportar objectos durante as deslocações ou viagens. Também eram frequentes as “boçetas” ou “bocetas” (caixas cilíndricas ou pseudo -cilíndricas).⁵⁶

Muitos padres e outros membros das comunidades tinham por hábito trabalhar nos seus *cubiculae*, como demonstra a frequência no interior dos mesmos de bofetes (mesas para se escrever ou contar dinheiro),⁵⁷ bancas (mesas com livros para o estudo),⁵⁸ mesas de escrever, bancas de estudar com taboas de escrever, escrevaninhas ou escritórios, e bancas de estudo com

52 ANTT/ AHMF, Cx. 2203 Hospicio da Oulela da Ordem de S. Francisco fundado em Cabeceiras de Basto (1833), f. 35 e BNE, Ms. 19144 Livro de contas do Colégio de Bragança (1699-1754), f. 48.

53 Documentos para a História de Arte em Portugal, vol. III, p. 12, BPMP, Inventario deste Convento de S. Francisco do Porto para hir ã Congregação, que sehã de celebrar no Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa no dia 6 domes de Março do anno de 1779, f. 104 e ANTT/ AHMF, Cx. 2194 Convento de S. Francisco da Ordem de S. Francisco de Barcelos (1833), f. 36v.

54 Documentos para a História de Arte em Portugal, vol. III, pp. 76 e106

55 O Reitor do Colégio de São Francisco Xavier em Setúbal guardava a sua capa em uma caixa pequena de pau envernizada de azul. (Documentos para a História de Arte em Portugal, vol. XII, p. 45)

56 ANTT/ AHMF, CX 2196 Convento de S. Bernardo da Ordem de S. Francisco da Província do Algarve, Athouguia da Baleia (1833), f. 3, Documentos para a História de Arte em Portugal, vol. III, p. 110 e Documentos para a História de Arte em Portugal, vol. V, p. 68.

⁵⁷ Bluteau, Vocabulario, 1712, vol. III, p. 27.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, vol. III, p. 141.

gavetas.⁵⁹

Porventura, sobre estas mesas de trabalho encontravam-se oratórios e pequenas estantes para os livros e ainda o material de escrita básico (tinteiros e arieiros normalmente de chumbo, mas também em osso ou prata e, às vezes, sinetes).⁶⁰ Outras vezes, os padres guardavam os livros em armários e fechados às chave. Algumas estantes tinham ainda gavetas “servindo de cartorios”.⁶¹ Os móveis de assento mais comuns nos quartos ou *cubiculae* dos padres eram bancos pequenos e/ou rasos de pau, bancos de encosto com seu caixão, seguindo-se as cadeiras de pau e os escabelos para os pés.⁶²

Alguns destes *cubiculae* tinham ainda claramente um mobiliário mais rico, como contadores ou cómodas e eram decorados com quadros de temática religiosa.⁶³ Neste contexto, gostaríamos ainda de referir que encontrámos a referência a móveis de assento mais elaborados, como os arquibancos ou escanos, que são assentos constituídos por arcas munidas de braços e de espaldar, e mesmo luxuosas cadeiras forradas a veludo, poltronas e canapés.⁶⁴

A proliferação de serviços de chá e de café e ainda de chocolateiras guardados em armários ou em condessas no interior dos *cubiculae* deveu-se ao costume dos seus ocupantes receberem convidados.⁶⁵ Todavia, a existência de serviços completos de porcelana ou faqueiros em prata demonstra que estes objectos eram igualmente objectos favoritos de coleccionismo.⁶⁶ De igual modo, a análise do mesmo recheio permite-nos depreender, que os jogos de gamão, xadrez e damas eram jogos muito apreciados pelos religiosos.⁶⁷

Conclusões

Para terminar, os interiores das casas religiosas masculinas no Portugal

59 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 110, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 68 e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. XII, p. 87.

60 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, pp. 56-57.

61 *Documentos para a História de Arte*, vol. XII, p. 50.

62 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, pp. 54-56.

63 *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, pp. 56-57.

64 ANTT/ AHMF, Cx. 2207 *Convento de S. Francisco da Ponte, Coimbra (1833)*, f. 2, *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 110 e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 49.

65 O inventário do espólio particular do Padre Manuel, que vivia no Noviciado de Arroios, refere um serviço de chá para quatro pessoas consistindo em bule, açucareiro e quatro chécaras com pires em loiça da Inglaterra. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. 5, p. 68)

66 O P. Custódio Arnault do Hospício de São Francisco de Borja tinha em 1755 no interior do seu *cubiculum* nada menos que nove bules de chá em prata, cobre esmaltado e pó de pedra. (*Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. III, p. 30)

67 ANTT/ AHMF, *Convento de S.ta Catarina da Carnota (1833)*, f. 10v e *Documentos para a História de Arte em Portugal*, vol. V, p. 66.

Moderno reflectem naturalmente o voto da pobreza proferido por todos os padres e frades. Destacam-se, em especial, os interiores das casas pertencentes às observâncias claustrais. No entanto, observa-se que a concepção e a decoração dos interiores de muitos destes conventos, colégios, casas e noviciados acompanharam as tendências coevas para um maior enriquecimento a nível de mobiliário, decoração e objectos de coleccionismo ou luxo. Foram aliás os membros das ordens missionárias agentes primordiais na encomenda e na difusão do gosto do Orientalismo. O recheio de muitos dos *cubiculae* dos membros destas comunidades aponta para práticas de lazer (recepção de convidados e jogos) porventura contrárias ao espírito de pobreza religiosa.